

A VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO NA FICÇÃO JORNALÍSTICA

MAROCCO, Beatriz

Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1971); Mestrado em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997).

RESUMO

À semelhança da ficção, o jornalismo alterna elementos descritivos e narrativos, dando às "falas" de fontes e ao acontecimento uma materialidade que recorta o tempo em unidades descontínuas. O jornalista transpõe o tempo cronológico, declara-se onipotente sobre múltiplos pontos de vista, insere-se como uma subjetividade - geralmente ocupando a impessoalidade - e apaga características do indivíduo, no caso de nosso estudo o excluído, transformando-o em personagem.

Palavras-chave: Jornalismo. Ficção. Narrativa.

1 INTRODUÇÃO

O que sabemos "do" excluído hoje, pela dimensão que a mídia ocupa na vida contemporânea, é, principalmente, o que a mídia conta "sobre" o excluído em discursos que afirmam descrever com "imparcialidade os acontecimentos" quando, na realidade, o que fazem é produzir um cenário ficcional.

À semelhança da ficção, o jornalismo alterna elementos descritivos e narrativos, dando às "falas" de fontes e ao acontecimento uma materialidade que recorta o tempo em unidades descontínuas. O jornalista transpõe o tempo cronológico, declara-se onipotente sobre múltiplos pontos de vista, insere-se como uma subjetividade - geralmente ocupando a impessoalidade - e apaga características do indivíduo, no caso de nosso estudo o excluído, transformando-o em personagem.

Mas o jornalismo, ao contrário da literatura, emite raramente sinais que evidenciem essa ficcionalização. Faz justamente o oposto, tentando manter-se dentro dos protocolos de uma narrativa natural.

Sem um protocolo ficcional, que dê conta da mediação do jornalista e das condições e estratégias de produção dos textos, o leitor pode ser levado a acreditar que o que está ali é o real, reeditando a atitude dos ouvintes de Orson Welles. Ou a acreditar, como na época da Guerra Fria, que comunista come criancinha. *Mutatis mutandis*: hoje, que o sem-terra é guerrilheiro, violento e subversivo. Que os meninos sem-teto instalados nos semáforos são, apenas, uma ameaça à segurança da classe média.

"Não se constrói a 'ficção' diferentemente da 'realidade'. O historiador que, a partir de documentos escritos, ou o juiz que, apoiando-se em testemunhos orais, reconstituem os 'fatos', não procedem diferentemente, em princípio, do leitor de

Armance, o que não quer dizer que não subsistam diferenças de pormenor." (Todorov, 1980:93).

Todorov prossegue:

"É fato que hoje não é mais a literatura que oferece as narrativas de que toda sociedade parece necessitar para viver, mas o cinema: os cineastas nos contam histórias, ao passo que os escritores encenam as palavras." (idem, p.74).

A mídia faz isso. Mas continua dizendo que faz o contrário. Esse processo determina papéis e posições no discurso que aproximam a todos os excluídos. No discurso midiático o excluído tem atribuições negativas: 1. ele desafia e rompe com os valores "verdadeiros" da sociedade, como a propriedade, no caso dos sem-terra; 2. é um perdedor nos conflitos discursivos para as "versões" oficiais sobre o acontecimento, mas continua compactuando com o discurso; 3. é uma ameaça à segurança; 4. representa os padrões de não-beleza.

Neste texto pretendemos aplicar essas reflexões a três acontecimentos específicos: o conflito entre colonos sem-terra e a polícia, que ocorreu em 1990, o fuzilamento do desempregado Everaldo da Silva Santos, o Lau, em 1995, e o fuzilamento do *franco-maghrébin* Khaled Kelkal, em 1995. Este *corpus* reúne personagens midiáticos pertencentes a diferentes grupos, mas que têm em comum - além do fato de terem chamado atenção sobre si da mídia - a exclusão, termo que se refere a diversos processos simultâneos, entre os quais o desemprego, o afastamento da escola, a imigração, etc.

2 O ASSASSINATO-NARRATIVA

Como um colono de 26 anos, chamado Otávio Amaral, filho de um pequeno agricultor de Rincão Seco, que se integrou ao movimento dos sem-terra na esperança de conseguir um pedaço de terra para si próprio, rompeu o coletivo e protagonizou o noticiário? Em que condições o personagem foi produzido?

Os textos jornalísticos em torno do assassinato do PM Valdeci Abreu Lopes, dia 9 de agosto de 1990, na esquina da Av. Borges de Medeiros com a Rua dos Andradas, no centro de Porto Alegre, revelaram a superfície da questão, ou seja, o colono foi notícia porque protagonizou o assassinato de um policial. Ele foi reconhecido por várias testemunhas como o assassino do PM. Outras testemunhas o inocentaram. Em nível de análise, o assassinato permite decifrar as condições de produção da notícia, as posições de sujeitos jornalistas na história do conflito, e o lugar - fictício - de um sujeito que seria ao mesmo tempo personagem e assassino.

Ao longo de todo o jogo discursivo, iniciado com o reconhecimento de Otávio Amaral por populares e concluído no julgamento em que foi condenado a sete anos de prisão, a mídia manteve Amaral em silêncio. Várias vozes falaram em seu lugar, mas sobre o acontecimento.

Quando aparece, Amaral faz parte da enunciação. Para manter esse campo discursivo, a mídia utilizou estratégias que apagaram características da sua identidade, sensacionalizaram circunstâncias hediondas e deixaram prevalecer a ótica do "poder", representada pelo governo, policiais e algumas testemunhas do assassinato.

O acontecimento se dispersou num número muito grande de discursos, se desviando da pessoa do colono, assujeitado num modelo de personagem que foi agendado durante algum tempo pela mídia e caiu no esquecimento sem que - além do julgamento - ficasse evidenciada ou refutada a tese de sua inocência defendida pelos sem-terra.

Essas posições e os gestos de condenação ou defesa se constituem em fases de atividade e de produção de um assassinato-narrativa.

Marcos Palombini: Há muito tempo os colonos sem-terra buscavam o confronto e um mártir para o seu movimento e vínhamos atuando como bombeiros apagando os incêndios que constantemente surgiam. (**Zero Hora**, 9 ago.1990:43)

Synval Guazzelli: Desde o início do governo Simon cerca de 18 mil hectares foram adquiridos para assentar os colonos e tudo dentro de um clima de entendimento nas negociações. Então por que uma manifestação, uma invasão da praça e uma incitação exaltada, agressiva, brandindo armas como aconteceu. E o que lamentamos mais profundamente é a perda de uma vida humana, de um soldado PM. (idem, p.44)

Movimento Sem-Terra: Não somos assassinos, somos colonos. (**Zero Hora**, 11 ago.1990:30)

Testemunha 1: Por volta das 13h, este colono (Amaral) já estava na sala de observação, depois de ter sido atendido pelos médicos. (ibidem)

Testemunha 2: De modo algum o agricultor apresentado à polícia é o criminoso. (ibidem)

Testemunha 3: Depois que os colonos quebraram os vidros do carro com foice, ele (soldado) saiu do automóvel e os enfrentou. Puxou a arma quando o ameaçaram com as foices, foi gravateado e golpeado por trás, no pescoço. (Daniel, comerciante - Naiditch, [s/d], lauda 1).

Testemunha 4: O soldado foi agarrado pelas costas por dois colonos, tentou se soltar e disparou um terceiro tiro para o chão. Gritei várias vezes 'larga ele'. (Maria da Glória, jornalista - idem, lauda 2).

Jornalista: Caro: das seis testemunhas que reconheceram Otávio consegui falar com duas: Edson Siqueira e Fabiane Mikoasqi. Eles, na verdade, mal falaram comigo, dizendo que confirmam tudo o que disseram, que foi mesmo o Otávio que matou Valdeci. Eles, no entanto, estavam (no momento do crime) no escritório de Edson, que é advogado, no sétimo andar. Mesmo assim dizem que têm certeza. (Thaís Furtado, jornalista - Furtado, 27 set.1990: lauda 9).

Veja: Proclamando sua inocência, ele chegou a assegurar que estava sendo vítima de uma operação destinada a transformá-lo num bode expiatório. (**Veja**, 15 ago.1990:38)

Amaral: Eles disseram que eu matei o policial apenas porque querem achar um culpado de qualquer jeito. (ibidem).

Em dois fragmentos **Zero Hora** dá voz a Amaral ("Acusado fala e jura que é inocente") para, em seguida - na mesma página - abrir a possibilidade de uma outra leitura de seu discurso ("Sem-terras até já admitem envolvimento no crime"). O sujeito, Amaral, na verdade, pode ser localizado nos dois componentes:

- a) [Amaral] fala e jura que é inocente;
- b) [Amaral] que é um sem-terra até já admite envolvimento no crime.

3 O APAGAMENTO DO CONTEXTO

Durante uma semana, em Uruguaiana, duas dezenas de homens encapuzados empreenderam uma verdadeira caçada humana a Everaldo da Silva Santos, o Lau, acusado de ter matado um policial militar. O grupo incendiou duas casas, torturou barbaramente e executou um homem "errado", segundo a mídia, feriu dois outros e, na madrugada de sexta-feira, dia 17 de março de 1995, atingiu seu objetivo.

Os justiceiros invadiram o presídio municipal de Uruguaiana, retiraram Lau, que havia sido detido na tarde anterior, e o executaram na soleira do prédio. Uma série de indícios que foram sendo esquecidos no rastro de destruição que o grupo de encapuzados deixou na cidade para vingar o PM Gilson do Prado Brum, ocorrida dias antes, levou rapidamente à sua autoria: um grupo de soldados da polícia militar.

Este foi o epicentro da cobertura dos jornais, apresentado sob a forma de fragmento (Calabrese, 1987). Se considerarmos que pertence a um inteiro anterior, *in absentia*, retirado pela ação de um sujeito que o transformou.

O jornalista retirou dele elementos materiais como: 1. Uruguaiana é uma das cidades mais violentas do Rio Grande do Sul; 2. sofre de um fenômeno econômico sazonal: nos dias de hoje a moeda brasileira compra muito pouco na Argentina e uma população de baixa renda que sobrevivia do comércio informal de mercadorias trazidas

de lá está cada vez mais pobre; 3. as ocorrências policiais - de furto a homicídio - se concentram nos locais de pobreza, as sete vilas que os populares apelidaram de "sete irmãs", numa alusão irônica às grandes multinacionais do petróleo. Uruguiana é sede do grupo de petróleo Ipiranga; 4. os policiais estão constantemente envolvidos em casos de corrupção; e 5. Lau não possuía nenhum antecedente policial.

Lau foi apagado para dar lugar à uma história de violência moralista, uma *vendettadesencadeada* pela polícia contra o assassino de um policial. *Vocês viram o que poderá acontecer com quem desafia a polícia?*, parece ser o discurso que está sempre na sombra, rondando enunciados como:

1. "Encapuzados executam presidiário" (título); e na glosa meta-enunciativa no olho da mesma reportagem "A morte do soldado Brum provocou a ira dos colegas, que agora são acusados de terem executado o assassino" (Zero Hora, 18 de março, 1995); e
2. "População de Uruguiana se mostra amedrontada" (título) e na glosa meta-enunciativa no olho "Desde a morte do PM, na quarta-feira, a população passou a acompanhar o caso com apreensão" (Zero Hora, 19 de março, 1995).

Dentro desse figurino, os jornalistas cesuraram as vozes que poderiam dizer que o camelô Everaldo Silva Santos, o Lau, foi deportado da Argentina e preso na Ponte da Amizade, na divisa entre Uruguiana e Paso de Los Libres, numa operação conjunta entre as polícias dos dois países, para ser executado, horas depois, em frente ao presídio de Uruguiana. A conexão atropelou toda a burocracia jurídica para extradição de criminosos.

4 CONCLUSÃO

Não podemos falar em leis do discurso jornalístico, mas em elementos que se repetem sob determinadas condições de produção e que possibilitam um exercício de natureza metodológica que rompe com as noções de objetividade e imparcialidade em certos textos do jornalismo contemporâneo.

À transparência textual, construída sob esses dois pressupostos, que atribuem a verdade ao que está escrito, correspondem estratégias discursivas contidas em teias de sentidos que indicam a existência de um "arquipélago" da exclusão na geografia própria do jornalismo.

Há, portanto, uma base de "arquivos" que se prolonga muito além dos textos, no interdiscurso, que nos leva à genealogia dos processos midiáticos de exclusão, quaisquer que sejam eles, quando e onde quer que tenham sido escritos. Encontramos semelhanças, por exemplo, nos sentidos produzidos pelo jornal francês **Libération** (30

set.1995) para transformar Khaled Kelkal, um *franco-maghrébin* fuzilado pela polícia, em personagem violento, e na construção midiática dos personagens Otávio Amaral, o sem-terra acusado de matar um policial no centro de Porto Alegre e Lau, desempregado fuzilado em Uruguaiana por policiais.

Kelkal ocupou como Pierre Rivière (Foucault, 1991) o lugar do duplo autor, figurando aí como duplo sujeito, ao mesmo tempo "falante" e ficcionalizado pelos mídia. Três anos antes de seu fuzilamento, em outubro de 1992, ele fora entrevistado pelo pesquisador alemão Dietmar Loch, para quem relatara: "Falamos de nós somente quando há violência, então nós fazemos violência". Em **Moi, Khaled Kelkal**, Kelkal diz ainda na entrevista a Loch: "Eu tinha condições para progredir, mas não tinha meu lugar porque eu dizia comigo mesmo: a integração total é impossível; esquecer minha cultura, deixar de comer porco, eu não posso. Eles nunca tiveram um árabe na sala de aula, como eles dizem - francamente, tu és o único árabe - e, quando me conheceram eles me disseram: 'tu és a exceção'". (Loch, 07 out.1995:10).

Para a mídia, entretanto, Kelkal é, ao mesmo tempo, "terrorista", "l'homme le plus recherché de France" (**Le Figaro**, 12 set.1995), "l'ennemi public numéro 1" (idem, 11 set.1995), "suspect numéro 1 dans la tentative d'attentat contre TGV" (idem, 13 set. 1995), "individu dangereux susceptible d'être armé" (**Le Monde**, 19 set.95), "bête malfaisante" (**L'Express**, 5 out.95). Até a conclusão desse trabalho tinha-se o cadáver de Kelkal, falado por Loch, seu personagem midiático violento e a insistência de uma sombra sobre sua participação na tentativa de atentado contra o TGV. Esses relatos - de Kelkal a Loch e da mídia sobre Kelkal - mantêm uma relação de estranha vizinhança com a série de textos, publicados sob a coordenação de Foucault, que incluem o memorial de Rivière, os escritos sobre o acontecimento pelos panfletos e folhetos da época e o dossiê publicado nos **Annales d'hygiène publique et médecine de 1836**.

Quando Kelkal é falado pela mídia, a sua voz permanece silenciada. Há um silenciamento em torno de sua identidade, que é rompido somente quando a narrativa muda de estatuto, ou seja, quando emigra do campo midiático para o campo da ciência. O mesmo ocorre com Rivière, no momento em que Foucault organiza **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**.

Visto de outro ângulo: a mesma marginalidade que distanciou ambos dos valores de propriedade, lei e ordem das coisas na sociedade de seu tempo e os condenou à exclusão social, os transformou em "notícia". Pode-se entender, dessa vizinhança, que os significados atribuídos aos acontecimentos pela mídia são os mesmos que norteiam as regras para o comportamento humano e para o comportamento institucional. Ao mesmo tempo, na condição de objetos desse "arquipélago" midiático,

Kelkal, Lau e Amaral precisam representar o rompimento dessas regras, necessário à sua manutenção. Ficcionando a noção de mal, através de assassinatos, invasões de propriedade, subversão, Kelkal, Rivière, Lau e outros são reconstruídos como personagens de um discurso autoritário, moralizante, que carrega, em sua duplicidade constitutiva, a noção de bem.

Os discursos ficcionalizam a informação, "criando" personagens que, muitas vezes, pela proximidade que apresentam com outros gêneros, são importados por outros deles, comprovando-se nesta semiose o "uso romanesco da informação" (Guedj & Girault, 1970:146). Dois exemplos recentes - de Leonardo Pareja e Diolinda/José Rainha - seguiram essa trajetória, "evoluindo" das páginas informativas para as novelas de TV e o cinema. Outros gêneros, ou mesmo o discurso científico, poderão esclarecer, em parte, a "zona de sombra" que o jornalismo preserva para continuar se dizendo objetivo, neutro e imparcial.

REFERÊNCIAS

A JORNADA das foices. **Veja**, São Paulo, ed.1143, a.23, n.32, p.34-39, 15 ago.1990.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneite montréalaise et heterogeneite constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**, n.26, Paris, p.91-151, 1982.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudo de Linguística**, Campinas, p.25-42, jul/dez.1990.

_____. **Ces mots qui ne vont pas de soi**. Boucles reflexives et non-coïncidences du dire. Paris : Larousse, 1995.

BERNARD, Philippe. L'itinéraire bien ordinaire de Khaled Kelkal, terroriste présumé. **Le Monde**, Paris, 19 set.1995. Société, p.10.

BOUILHET, Alexandrine; VALBAY, Jean. Les amitiés algériennes de Kelkal. **Le Figaro**, Paris, 13 set.1995.

CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. São Paulo : Martins Fontes, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. Rio de Janeiro : Graal, 1991.

FURTADO, Thaís; NAIDITCH, Suzana. **Questão agrária no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 10 ago.1990. 28 laudas. (Originais da cobertura Guerra Campesina para revista **Veja**.)

FURTADO, Thaís. **Ex-PM/Testemunha subornada**. Porto Alegre, 27 set.1990. 10 laudas. (Originais da cobertura Colonos/Testemunha)

GUEDJ, A.; GIRAULT, J. **Le Monde... humanisme, objectivité et politique**. Paris : Ed. Sociales, 1970.

ROCH, Dietmar. Moi, Khaled Kelkal. **Le Monde**, Paris, 07 out. 1995. Horizons – Document, p.10

MACIEL, Mauro. População de Uruguaiana se mostra amedrontada. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19

MAROCCO, Beatriz

mar.1995. Polícia: 53.

MARIANO, Nilson. Encapuzados executam presidiário. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 mar.1995. Reportagem Especial, p.4.

MILLET, Gilles. Kelkal a été tué au cours d'une fusillade. **Libération**, Paris, 30 set.1995.

NASCIMENTO, Solano. Clima na fronteira anunciava uma tragédia. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 mar.1995. Polícia, p.42.

OBERLÉ, Thierry. Comment Kelkal est devenu terroriste. **Le Figaro**, Paris, 12 set. 1995.

RAUFER, Xavier. Kelkal: une mort dangereuse. **L'Express**, Paris, 05 out.1995. Société, p.54.

RAUFER, Xavier. Kelkal: une mort dangereuse. **L'Express**, Paris, 05 out.1995. Société, p.54.

TENSÃO, tumulto e morte. **Zero Hora**, Porto Alegre, 09 ago 1990. Capa.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo : Martins Fontes, 1980.

VEZINS, Véziane. La saga de Vaulx-en-Velin. **Le Figaro**, Paris, 11 set. 1995.

Copyright (c) 1997 Autor(es) / Copyright (c) 1997 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

